

MARIA ZENEIDE RICARTI NODARI

AS CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU

Monografia apresentada como requisito à conclusão do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, do Departamento de Economia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Porcile

**CURITIBA
2007**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos e meu esposo que me mantiveram forte quando os 700km que separam minha cidade de meu estudo mais pesavam e eu pensava em desistir, nas muitas vezes que pensei em desistir eram eles que me apoiavam. Ao grupo de amigos do curso, que de uma forma ou de outra sempre procuraram colaborar para que eu continuasse firme no meu propósito. Enfim, ao meu grande mestre, Prof^o Porcille, por sua atenção, didática e amparo humano-amigo nas horas difíceis.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	IV
LISTA DE TABELAS	V
RESUMO	VII
INTRODUÇÃO	1
2 EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA	4
2.1 DEFINIÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA	4
2.2 IMPORTÂNCIA E EVOLUÇÃO DO TURISMO	7
2.3 O TURISMO NO PARANÁ E FOZ DE IGUAÇU EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL	10
3 TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	15
3.1 A ECONOMIA DO TURISMO	15
3.2 O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO ..	18
4 OS DETERMINANTES DO TURISMO: A INFLUÊNCIA DO NÍVEL DE RENDA E DA TAXA DE CÂMBIO	21
4.1 A EXPANSÃO DO TURISMO	21
4.1.1 A Oferta Turística	27
4.2 A TAXA DE CÂMBIO E O SETOR TURÍSTICO: 1995-2005	32
4.3 EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO	33
4.4 OS EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE O TURISMO LOCAL	42
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TAXA DE CÂMBIO - R\$ / US\$ - TURISMO – VENDA MÉDIA ANUAL	32
FIGURA 2 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS EM FOZ DO IGUAÇU 1994-2006	35
FIGURA 3 – EVOLUÇÃO DA RENDA GERADA PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	37
FIGURA 4 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	38
FIGURA 5 – EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE A RENDA DO TURISMO	44

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CRESCIMENTO DO PIB E DA PARTICIPAÇÃO DO TURISMO	9
TABELA 2 – O FLUXO DE TURISTAS NO PARANÁ	10
TABELA 3 – CRESCIMENTO DO TURISMO SEGUNDO A RENDA GERADA	13
TABELA 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL	22
TABELA 5 - PRINCIPAIS PAÍSES EMISSORES DE TURISTAS DO MUNDO	22
TABELA 6 - CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL	24
TABELA 7 - ESTIMATIVA DO PIB TURÍSTICO E SUA PARTICIPAÇÃO NO PIB BRASILEIRO	25
TABELA 8 – A DEMANDA TURÍSTICA NO PARANÁ	26
TABELA 9 – A DEMANDA TURÍSTICA EM FOZ DO IGUAÇU	26
TABELA 10 – PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU NO TOTAL DO PARANÁ	27
TABELA 11 – OFERTA TURÍSTICA SEGUNDO SUAS CATEGORIAS	28
TABELA 12 – OFERTA DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ	29
TABELA 13 – OFERTA DE UNIDADES HABITACIONAIS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ	30
TABELA 14 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS, GASTO MÉDIO DIÁRIO E PERMANÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU	34
TABELA 15 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS INTERNOS E EXTERNOS	36
TABELA 16 – EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO NO PERÍODO	36

TABELA 17 – PRODUTIVIDADE MÉDIA DOS TRABALHADORES DO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	39
TABELA 18 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU	40
TABELA 19 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS	41
TABELA 20 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS POR ATIVIDADES	41
TABELA 21 – A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO E RENDA DO TURISMO	43
TABELA 22 – A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO, EMPREGO E GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS	45

RESUMO

O Turismo, nas últimas décadas, vem surgindo como uma alternativa econômica dinâmica e viável. A atividade turística vem contribuindo significativamente para o desenvolvimento de diversas regiões. O município de Foz do Iguaçu é tido como uma destas regiões que tem sua economia em grande parte voltada para o turismo. Sendo assim, o propósito deste trabalho era analisar as contribuições do turismo para a economia do município, em termos de renda gerada e emprego. O estudo focaliza três períodos fundamentais: a) o período de 1994 a 1998, o qual foi denominado Câmbio Fixo; b) o período de 1999 a 2004, o qual foi denominado Depreciação Cambial; c) o período de 2005 a 2006, o qual denomina-se Apreciação Cambial. O trabalho baseou-se em dados de fontes secundárias, como Instituto Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), Secretaria de Estado do Turismo (SETU), Secretaria Municipal de Turismo (SMTU) de Foz do Iguaçu, Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e Organização Mundial do Turismo (OMT). Para fins da análise foi adotado um método indutivo. A final do trabalho conclui-se que o turismo contribui significativamente com a economia e o desenvolvimento sócio-econômico municipal, tendo em vista a participação da renda gerada pelo turismo no PIB municipal e o número de empregos gerados anualmente. Finalmente, entendeu-se que o turismo é tido como uma demanda e que influencia os diversos setores da economia.

Palavras-chave: Turismo – Foz do Iguaçu/Paraná; Atividade Turística; Economia do Turismo.

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos significativos avanços que se observam na economia moderna em termos de produtividade, um grande número de pessoas ainda possui um nível de renda extremamente baixo. A renda mundial encontra-se altamente concentrada. No Brasil a situação não é diferente: é um país cuja concentração de renda atingiu níveis insustentáveis. Logo, torna-se necessário encontrar novas alternativas de emprego e renda. E o turismo surge como um instrumento capaz de contribuir nesse sentido. O turismo vem despontando mundialmente como uma alternativa viável de desenvolvimento devido à evolução dos transportes e das comunicações, além das tecnologias de informação. O crescimento do turismo vem ocorrendo, também, no Brasil (SILVA, 2005).

Do ponto de vista econômico, um aspecto de grande relevância para explicar a atividade turística é o comportamento da taxa de câmbio. Uma taxa de câmbio mais alta torna mais atrativo o turismo brasileiro, na medida em que os preços permanecem mais baratos para os turistas estrangeiros. Ao mesmo tempo, fica mais difícil para os brasileiros viajarem ao exterior, o que deixa mais interessante o turismo interno. Naturalmente, para que se possa ter uma idéia correta do papel da taxa de câmbio, é necessário isolar os efeitos das mudanças na renda nacional e internacional. Quanto maior o nível de renda, tanto dos estrangeiros como dos brasileiros, maior a demanda turística.

Em sumo, há dois fatores que serão considerados neste trabalho e que favorecem a demanda turística: o nível de renda (quanto maior a renda, maior a demanda) e a taxa de câmbio (quanto maior a taxa de câmbio, maior a demanda).

Para fins deste estudo, se farão considerados três períodos básicos, a saber: a) o período de 1994 a 1998, o qual foi denominado Câmbio Fixo, ou seja, período em que o câmbio esteve quase fixo ocorrendo apenas pequenas variações; b) o período de 1999 a 2004, o qual foi denominado Depreciação Cambial, devido a grande desvalorização do Real frente ao Dólar Americano; c) o período de 2005 a 2006, o qual denomina-se Apreciação Cambial, tendo em vista o momento em que o Real tem uma valorização consistente e longa em relação ao Dólar Americano. Em cada período foi feita uma análise da evolução da renda e do emprego gerado pelo

turismo no município de Foz do Iguaçu; em seguida, uma avaliação dos efeitos da taxa de câmbio sobre a geração da renda no segmento do turismo local.

A metodologia é parte essencial de todo trabalho científico, ela define os rumos a serem seguidos na pesquisa e análise dos dados, bem como a forma como os dados serão levantados e tratados (SILVA; MENEZES, 2000). De forma mais imediata uma pesquisa significa buscar respostas para questionamentos e hipóteses propostas. Minayo (1993), Demo (1996) e Gil (1999), citados por SILVA e MENEZES (2000), afirmam que do ponto de vista filosófico a pesquisa é “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude (...) de constante busca que define um processo inacabado e permanente.” É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade, que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. E ainda é um “questionamento sistemático crítico e coletivo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Sendo assim, encontrar respostas para solução dos problemas constitui-se no objetivo principal das pesquisas, as quais partem de procedimentos racionais e sistemáticos.

O estudo está centrado no fenômeno da sociedade contemporânea denominado turismo, que é acima de tudo, como já descrito, uma demanda por uma infinidade de bens e serviços. Os dados serão levantados de fontes secundárias, com base em relatórios fornecidos pelos organismos que regem as políticas públicas do turismo, bem como institutos de pesquisa como: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), além da Organização Mundial do Turismo (OMT), Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e Ministério do Turismo (MT), entre outros. A análise dos dados será abordada de acordo com os objetivos específicos, buscando, na medida do possível, explicar a importância do turismo na geração de valor agregado, emprego, renda e tributos.

A análise dos dados foi feita com base nos objetivos específicos e considerando a evolução da taxa de câmbio - R\$ / US\$ - turismo - venda - média - R\$ - Gazeta Mercantil, (IPEA, 2006), que definiu os cortes transversais do estudo,

baseando-se nas mudanças cambiais mais significativas ocorridas no período estudado.

O trabalho está organizado em mais quatro seções, além da introdução. A segunda seção descreve a evolução da atividade turística, destacando a análise comparativa entre Foz do Iguaçu, Paraná e Brasil. A terceira seção descreve a relação entre turismo e desenvolvimento econômico, destacando a economia do turismo, o turismo como setor econômico e o turismo como fator de desenvolvimento econômico. A quarta seção apresenta os determinantes do turismo e destaca a influência do nível de renda e da taxa de câmbio, bem como a expansão do turismo, a evolução da renda e do emprego e os efeitos da taxa de câmbio sobre o turismo. E finalmente, a quinta seção, apresenta as conclusões e recomendações finais do trabalho.

2 EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

2.1 DEFINIÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

Este capítulo tem a finalidade de apresentar uma discussão sucinta do ponto de vista de vários autores acerca dos conceitos básicos relacionados à economia do turismo, descrevendo, quando necessário, a atual situação de demanda e oferta turística, apresentando tanto conceitos, como dados que situam a atual realidade do turismo no mundo, no Brasil, no Paraná e em Foz do Iguaçu, considerando aspectos de caráter teórico e de caráter prático.

A definição de turismo é matéria muito controversa, segundo os vários autores que tratam do assunto, pois está relacionado com viagens, não podendo considerar todas as viagens como turismo. A Organização Mundial do Turismo (OMT), assim define turismo: “o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não-econômicas”. Em 1994 esta definição sofreu aperfeiçoamento, passando para: “o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo por prazer, negócios ou outros fins.” (IGNARRA, 2003, p. 10)

Segundo IGNARRA (2003, p. 10), o turismo é um fenômeno que envolve quatro componentes fundamentais: o turista; os prestadores de serviços; o governo; e a comunidade do destino turístico. Há vários enfoques possíveis do tema:

- a) Enfoque Institucional – considera os diversos intermediários e instituições que realizam as atividades turísticas;
- b) Enfoque do produto – que tem como objeto os produtos turísticos e a forma como são produzidos, comercializados e consumidos;
- c) Enfoque histórico – compreende uma análise das atividades e instituições turísticas a partir de um ângulo evolutivo;
- d) Enfoque administrativo - analisa do ponto de vista administrativo, focando na microeconomia, ou seja, centrando nas atividades administrativas necessárias para a gestão de uma empresa turística;

- e) Enfoque econômico – que se concentra na oferta, demanda, balança de pagamentos, mercado de divisas, geração de empregos, multiplicadores da renda, entre outros aspectos;
- f) Enfoque sociológico – onde a preocupação está nas classes sociais, hábitos e costumes dos visitantes e dos residentes, a sociologia do tempo livre;
- g) Enfoque geográfico – o interesse no turismo está na forma em que o espaço turístico é ocupado, nos tipos de deslocamentos e no impacto do meio ambiente;
- h) Enfoque interdisciplinar – congrega os elementos da sociedade, como a cultura, antropologia, comportamentos entre outros aspectos;
- i) Enfoque sistêmico – trata-se do estudo, análise dos elementos inter-relacionados para formar um todo unificado e organizado.

O foco deste trabalho é o econômico. Uma definição mais específica dessa atividade é a seguinte, segundo IGNARRA (2003, p. 13): “A soma das operações, especificamente as de natureza econômica, diretamente relacionada com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.” Outra proposta, é a de Oscar de La Torre, citado por IGNARRA (2003, p. 13) que afirma:

O turismo é um fenômeno social que consiste do deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Conforme IGNARRA (2003), de acordo com a amplitude das viagens, o turista pode ser classificado como: a) local – quando ocorre entre municípios vizinhos; b) regional – quando ocorre em locais em torno de 200 a 300 km de distância da residência; c) doméstico – quando ocorre dentro do país de residência do turista; d) internacional – quando ocorre fora do país de residência do turista. Com relação ao fluxo turístico ele pode ser classificado como: turismo emissivo – fluxo de saída de turistas que residem em uma localidade; turismo receptivo – fluxo

de entrada de turistas em um determinado local. O conceito de viagens, turismo e recreação estão intimamente ligados.

Conforme IGNARRA (2003, p. 19), os destinos turísticos, de acordo com sua amplitude, podem ser classificados como segue:

- a) atrativo turístico - é o recurso natural ou cultural que atrai turistas para visitaçãõ;
- b) complexo Turístico – é o atrativo turístico que já dispõe de uma certa infra-estrutura de alimentação, hospedagem e entretenimento, mas ainda não se constitui um centro urbano;
- c) centro turístico – é um aglomerado urbano que tem dentro de seu território ou no seu raio de influência atrativos turísticos capazes de movimentar uma visitaçãõ turística;
- d) área turística - é um território circundante a um centro turístico que contém vários atrativos e estruturas de transportes e comunicações entre estes vários elementos e o outro centro;
- e) zona turística – é um território mais amplo que congrega mais de um centro turístico;
- f) corredores turísticos - sãõ vias de inter-relações entre várias áreas turísticas;
- g) núcleo turístico – é formado por um conjunto de atrativos, em número inferior a 10;
- h) conjunto turístico – é o núcleo turístico que deixou de ficar isolado dentro de um território;
- i) pólo turístico - é o ponto central de uma área ou zona turística;
- j) portões de entrada - locais onde se concentram a entrada ou saída de turistas;
- k) unidade turística – concentraçãõ menor de equipamentos destinados a apoiar a exploraçãõ de um ou mais atrativos;
- l) serviçõs urbanos de apoio ao turista.

Para fins do presente estudo, foi adotado, como mencionado, o enfoque econômico de análise e pesquisa, visando discutir as contribuições do turismo na geração de renda e emprego.

2.2 IMPORTÂNCIA E EVOLUÇÃO DO TURISMO

O turismo é um fenômeno da sociedade contemporânea que apresenta elevadas taxas de crescimento. De acordo com a OMT – órgão das Nações Unidas responsável pelas políticas de turismo - este segmento está entre aqueles que apresentam as maiores taxas de crescimento. Entre 1950-60 o turismo teve um crescimento em termos de número de turistas de 10,6%; 9,1% entre 1960-70; 7% entre 1985-90; 4,3% entre 1995-2000. Em 2000, o volume internacional de turistas alcançou a cifra de 697,8 milhões, sendo os principais países emissores de turistas no mundo, os seguintes: Alemanha com gasto de US\$ 50,675 milhões; Estados Unidos com US\$ 45.855 milhões; Japão com US\$ 36,792 milhões; Reino Unido com US\$ 24,737 milhões; França com US\$ 16,328 milhões; Itália com US\$ 12,419 milhões; Áustria com US\$ 11,687 milhões, nesta ordem, segundo a sua importância mundial.

Assim, o turismo cresce a taxas muito altas. De acordo com IGNARRA (2003), muitas são as causas desse fenômeno mundial, entre as quais se destacam:

- a) o aumento da renda per capita da população dos países desenvolvidos;
- b) o desenvolvimento dos transportes, notadamente o aéreo, principalmente com o advento dos vôos charters que baratearam as passagens;
- c) a evolução das comunicações;
- d) os sistemas de informações que permitem agilidade na operacionalização dos produtos turísticos;
- e) o intenso processo de urbanização; o processo de globalização da economia;
- f) o processo de automação e a robótica que contribuíram para o crescimento do tempo livre, que alcançou em alguns lugares uma jornada de 30 horas semanais.

O número de turistas internacionais dobrou em relação ao ano de 1986, que era de 338 milhões, passando em 2000 para 697,8 milhões de turistas, representando no período uma taxa de crescimento de 7,6% ao ano.

Ainda conforme a OMT, em 1999 a renda mundial do turismo alcançou US\$ 455,440 milhões. A quantidade de empregos gerados em 2001, foi de 320 milhões de empregos, enquanto a geração de impostos alcançou em 2001 a cifra de US\$ 970 bilhões. Por suas características, o setor é tido como grande empregador de mão-de-obra e desponta no mundo inteiro como uma alternativa interessante para diminuir o desemprego.

Conforme SILVA (2005), visto pelo lado da oferta, o turismo se restringe às atividades voltadas especificamente para este fim, como agências de turismo, transportes e hotelaria, porém quando vista pelo lado da demanda, este segmento econômico se amplia significativamente.

No Brasil, o turismo ganha relevo em função do volume de empregos gerados, que era de 5,7 milhões em 1990, passando para 10,3 milhões em 2001 (EMBRATUR, 2006). Segundo IGNARRA (2003), estima-se que de cada 11 trabalhadores um está empregado no setor de viagens e turismo. De 1992 até 2001, o crescimento do número de empregos foi muito grande, sendo que de 1992 para 1995 era de 7,1%, de 1995 para 1996 de 30%, de 1996 para 2001 de 32,1%.

A geração de impostos no Brasil, decorrente do segmento turístico, não foi menos importante, pois em 1990 gerou US\$ 7,14 bilhões, em 1996 US\$ 8,56 bilhões e em 2001 US\$ 12,9, acompanhando o crescimento do segmento econômico na geração de empregos. Em relação ao turismo doméstico brasileiro, em 1998, o número de turistas foi de 38.2 milhões, gerando uma renda de R\$ 12,7 bilhões, sendo que o maior estado emissor de turistas é São Paulo com 9,3 milhões, seguido do Paraná com 2,8 milhões e Minas Gerais e Rio de Janeiro com 2,5 milhões.

De acordo com a EMBRATUR (1998), o turismo brasileiro em 1980 tinha uma participação de 2,62% do PIB, ou seja, R\$ 12,9 bilhões, em 1990 a participação era de 9,1%, representando R\$ 52,4 bilhões e em 1995, 8,0%, representando R\$ 52,67 bilhões. O que significa que o segmento do turismo cresceu muito acima da economia como um todo.

TABELA 1 – CRESCIMENTO DO PIB E DA PARTICIPAÇÃO DO TURISMO

ANOS	PIB BRASILEIRO	PIB TURÍSTICO/PIB TOTAL (EM %)
1988	-0,1%	6,9%
1989	3,1%	8,5%
1990	-4,3%	9,1%
1991	0,3%	7,4%
1992	-0,9%	6,9%
1993	4,2%	0,0%
1994	5,8%	7,7%
1995	4,2%	8,0%
Média	1,5%	6,8%

Fonte: MICT/Embratur (1998)

Segundo o Banco Central do Brasil – BCB (2006), na década de 60 (1961-1970) o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu em média 6,17% ao ano, na década 70 (1971-1980) 8,63%, na década de 80 (1981-1990) 1,57% e na década de 90 (1990-2000), 2,65%, quando se verifica que apesar do desempenho da economia brasileira, como um todo nas duas últimas décadas, ter sido muito fraco, o segmento do turismo continuou crescendo significativamente.

Segundo dados recentes da Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), o valor movimentado pelos agentes de viagens brasileiros, em 2004, foi de US\$ 3,2 bilhões. O número de turistas estrangeiros que desembarcaram no Brasil foi de 669.819, os quais injetaram na economia brasileira US\$ 3,22 bilhões. É feita a estimativa de que a participação do turismo no PIB em 2005, alcance US\$ 55,1 bilhões. De acordo com a ABAV (2006), o turismo está ligado diretamente a 52 setores da economia brasileira e movimenta US\$ 38 bilhões por ano. Ao mesmo tempo, estimativas do Ministério do Turismo revelam que em 2005, o turismo gerou 250 mil novos empregos, 19% a mais do que em 2004, sendo que a hotelaria gerou 228 mil empregos. Existe a expectativa de investimento no setor para 2008 da ordem de R\$ 3,4 bilhões. Só em 2006, o turismo já gerou, segundo a ABAV (2006),

47,2 mil novos empregos. Em 2005, o turismo foi o segmento que mais contratou mão-de-obra no Brasil, com crescimento nas contratações de 14,23% no ano.

Os dados sobre o turismo brasileiro demonstram que ele é um segmento econômico dinâmico. Também revelam que mesmo durante períodos em que a economia brasileira cresceu pouco, o turismo teve taxas de crescimento elevadas. Segundo a Embratur (1998), a população economicamente ativa empregada no turismo era de 5,7 milhões em 1990 e 5,8 milhões em 1995, sendo que em toda a economia era, respectivamente, de 64,5 e 74,1 milhões.

2.3 O TURISMO NO PARANÁ E FOZ DE IGUAÇU EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL

O turismo no Paraná também tem se comportado de forma muito dinâmica. Considerando o crescimento do segmento turístico em 2005 observa-se que o turismo paranaense cresceu 23 vezes mais do que a economia em 2004.

No Paraná, segundo dados Secretaria de Estado do Turismo (SETU), o fluxo de turistas em 2001 foi de 5.6 milhões, em 2002 de 5.5, em 2003 de 6.2, em 2004 de 6.7 e em 2005 de 7.3 milhões de turistas, dos quais 47% eram do próprio estado, 39% interestaduais e 14% internacionais.

TABELA 2 – O FLUXO DE TURISTAS NO PARANÁ

DESCRIÇÃO	ANOS				
	2001	2002	2003	2004	2005
Número de Turistas	5.670.614	5.552.244	6.210.930	6.708.641	7.350.912
Estadual	2.835.307	2.665.077	2.981.246	3.018.888	3.454.929
Interestadual	1.928.009	1.943.285	2.235.935	2.549.284	2.866.856
Internacional	907.298	943.881	993.749	1.140.469	1.029.128
TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL					
Número de Turistas		-2,1%	11,9%	8,0%	9,6%
Estadual		-6,0%	11,9%	1,3%	14,4%
Interestadual		0,8%	15,1%	14,0%	12,5%
Internacional		4,0%	5,3%	14,8%	-9,8%

Fonte: SETU/2006

A permanência média dos turistas foi de 3,7 dias, sendo o gasto médio per capita/dia US\$ 60, estimando-se uma renda total, gerada pelo turismo, de US\$ 835 milhões em 2001, US\$ 899 milhões em 2002, US\$ 1,12 bilhões e, 2003, US\$ 1,05 bilhões em 2004 e US\$ 1,63 bilhões em 2005. O segmento do turismo no Paraná apresentou taxas de crescimento muito elevadas, sendo que em 2002 cresceu 7,6%, em 2003 cresceu 25,4%, em 2005 cresceu 55,2% em termos da renda gerada.

No período de 2001 a 2004, a economia paranaense, segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), apresentava um PIB estadual de R\$ 72,7 bilhões, e uma taxa de crescimento de 4,59% em 2002, R\$ 81,4 bilhões e um crescimento de 1,7% em 2003, R\$ 99,0 bilhões e um crescimento de 5,2% e em 2004, R\$ 108,2 bilhões e um crescimento de 2,4%. A economia paranaense cresceu em média 3,47% ao ano de 2002 a 2004, ou seja, obteve um crescimento superior ao da economia brasileira que no período de 1990-2000 era de 2,65%. No período de 2002 a 2005, o turismo do Paraná cresceu em média 20,4% ao ano, ou seja, o turismo cresceu 5,9 vezes a mais do que a economia paranaense por ano e 7,7 vezes mais do que a economia brasileira por ano, no período 1990-2000, em termos de renda gerada.

Em Foz do Iguaçu, os números do turismo, segundo Secretaria Municipal do Turismo – SMTU – (2006), revelam a grande importância do segmento para a economia municipal. Com toda a diversidade de atrativos, o município representa um dos mais belos destinos turísticos do mundo. Possui riquezas naturais incomparáveis, como o Parque Nacional do Iguaçu, tombado como patrimônio Natural da Humanidade. A Itaipu Binacional, que é tida como uma das maravilhas da engenharia, reconhecida no mundo inteiro, também é um grande atrativo turístico. O município possui grande parque hoteleiro, sistema de transportes, gastronomia, serviços de apoio e locais para realização de eventos.

Segundo dados da SMTU, os dois principais motivos das viagens são: Turismo, média de 80,7% entre 2000 a 2003, Negócios/Congressos com 11,7%, restando 7,6% para outros motivos. O tempo médio de permanência é de 3,6 dias, o gasto médio dos turistas é igual ao do Estado do Paraná, sendo US\$ 60,4 per capita/dia.

Classificada como 6ª cidade mais visitada do país, à frente de Búzios (RJ), Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG), a cidade de Foz do Iguaçu recebeu um

fluxo de turistas em 2005 de 1.449.838 pessoas, sendo os principais pólos emissores: Paraná 28,6%, seguido de São Paulo 15,1% entre outros estados brasileiros. Em nível internacional destacam-se Argentina (5,8%), Estados Unidos (2,1%), entre outros. Desta forma, 74,1% dos turistas são brasileiros e 25,9% chegam do exterior.

Em Foz do Iguaçu, o número de empregos gerados pelo turismo segundo SMTU (2004), foi de 9.264 empregos permanentes e 508 temporários, em 529 atividades ligados ao turismo. O município dispõe de 32 atrativos turísticos, 142 meios de hospedagens, totalizando 19.637 leitos disponíveis. A estrutura para eventos tem uma capacidade para 42,290 pessoas. O número de pousos e decolagens no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu atingiu em 2005 a quantidade de 5.456, com 412.968 passageiros.

A partir do fluxo de turistas, dos dados de permanência e do gasto diário fornecidos pela SETU, a renda anual gerada pelo turismo em Foz do Iguaçu podia ser estimada (segundo câmbio médio anual) no ano de 2000 em R\$ 308.242.256. Em 2001 foi de R\$ 372.969.921, em 2002 de R\$ 534.847.465, em 2004 de R\$ 623.020.638 e, em 2005 de R\$ 808.038.792. No período de 2000-2005, o turismo no município, sob a ótica da renda gerada, cresceu em média 22,6% ao ano. Sendo assim, o turismo de Foz do Iguaçu, anualmente cresce acima do turismo do Paraná, já que este último cresceu em média 16,2% ao ano.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB do município de Foz do Iguaçu em 2001 foi de R\$ 3.536.683.000, sendo a participação da renda do turismo em 10,5%, já 2002 de R\$ 3.748.625.000 com a participação do turismo em 14,3%, representando um crescimento anual de apenas 6%. Estimando um crescimento do PIB municipal a uma taxa anual de 6% para 2003 o montante é de R\$ 3.973.542.500 com uma participação do turismo em 15,4% e, em 2005 o PIB foi de 4.450.367.600 com participação do turismo em 18,2%. A participação média do turismo no PIB de Foz do Iguaçu é de 6,2%.

Ainda de acordo com os dados da SMTU, os principais setores demandados pelo turismo são serviços, comércio, transportes, energia e água. Se adotarmos a classificação por setor primário, secundário e terciário, observa-se que o turismo em 2001 representava 15,3% do valor adicionado pelo setor de serviços e em 2002 aumentou para 23%.

A tabela abaixo revela que a atividade turística vem crescendo de forma significativa nos últimos anos. No Paraná a média de crescimento anual é menor do que a média nacional, porém em Foz do Iguaçu esta média supera a média nacional. Em 2005, o turismo paranaense cresceu bem acima da média nacional, representando uma recuperação em relação ao período anterior de 2004. Em Foz do Iguaçu, no período de 2005, o crescimento do turismo foi acentuado, estabelecendo-se acima do crescimento nacional, porém abaixo do crescimento paranaense.

TABELA 3 – CRESCIMENTO DO TURISMO SEGUNDO A RENDA GERADA

Ano	Brasil	Paraná	Foz do Iguaçu
2002	15,4%	7,7%	43,4%
2003	24,1%	25,0%	-0,7%
2004	30,0%	-5,1%	17,3%
2005	19,8%	37,0%	29,7%
Média	22,3%	16,2%	22,4%

Fonte: BCB (Receita Cambial)/ SETU (Renda Estimada)

Além dos benefícios da geração de emprego, renda e impostos, o turismo pode contribuir para a distribuição de renda entre as diferentes regiões do país, reduzindo assim as desigualdades internas, uma vez que regiões pobres recebem turistas de regiões ricas absorvendo renda através dos gastos dos turistas. Segundo CRUZ (2000), o turismo constitui-se numa possibilidade concreta de minimização das disparidades regionais do país. Outra característica importante do turismo é que demanda um grande número de trabalhadores, ganhando status de mão-de-obra intensiva.

Pelos dados anteriormente apresentados, por ser o turismo um fenômeno da sociedade contemporânea e ter aderência com a modernidade atual, pois por um lado é fonte geradora de riqueza e por outro a válvula de escape das tensões do cotidiano das grandes cidades, sendo o município de Foz do Iguaçu um grande operador do turismo, a questão é: *quais as contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu?* Sendo esta a situação problema deste estudo.

Dada à importância sócio-econômica do turismo e suas contribuições para o desenvolvimento local, questões deste tipo podem ser respondidas através da análise da evolução das rendas, empregos e impostos gerados pelo turismo no

município ao longo do tempo, que refletem os resultados finais alcançados pelo segmento. Aspectos estes influenciados pela taxa de câmbio, pelas políticas públicas, pela inflação e o desempenho econômico das regiões emissoras.

3 TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

3.1 A ECONOMIA DO TURISMO

A contribuição do turismo para a economia de Foz do Iguaçu é visível, pois tem impacto sobre a renda, emprego e impostos. O propósito deste estudo é analisar a contribuição do segmento turístico para a economia de Foz do Iguaçu, sob a ótica da evolução da renda gerada no setor no período de 1995 a 2005. Além disso, se procurará avaliar os efeitos da taxa de câmbio, e das outras variáveis macroeconômicas, sobre a geração da renda no segmento do turismo local no período.

O presente estudo é relevante sob vários aspectos. Do ponto de vista econômico, ele oferece uma contribuição à análise dos efeitos do turismo no desenvolvimento da região. Do ponto de vista político, o estudo procura orientar os formuladores das políticas de desenvolvimento. Além disso, ajuda a identificar a verdadeira importância do turismo dentro da economia, seu potencial, seu peso, sua demanda e suas interconexões com as diversas atividades econômicas.

A economia do turismo, nas últimas décadas, vem despertando a atenção de alguns pesquisadores os quais têm levantado diversos questionamentos, a saber: o turismo é uma atividade econômica? O turismo é um setor econômico? Em qual setor econômico o turismo se enquadra? Sob o ponto de vista econômico qual é a melhor forma de analisar o turismo, sob a ótica da oferta ou da demanda?

SILVA (2005, p. 3), afirma que o turismo, por sua característica de emissão e recepção, apresenta dois problemas básicos: “má distribuição no tempo e sua polarização no espaço”, o que revela necessidades de maior racionalidade econômica no controle das variáveis envolvidas, visando o desenvolvimento das suas potencialidades. Ainda segundo o autor, “o turismo se preocupa com a produção e distribuição de bens e serviços que tornam possíveis os benefícios esperados pelos turistas em viagens.”, embora tais bens e serviços possam ser produzidos em diversos setores da economia.

De acordo com SESSA, citado por SILVA (2005, p. 4), o produto turístico se realiza por intermédio de um:

- a) composto de atividades relativas ao alojamento – indústria da construção e de transformação;
- b) alimentação e bebidas – atividade agrícola e indústria alimentícia;
- c) transportes – indústria de transformação e de consumo energético;
- d) serviços;
- e) aquisições de produtos locais – artesanato e indústria do vestuário ou de transformação;
- f) visitas aos divertimentos – serviços.

Todas estas atividades estando ligadas aos atrativos turísticos. Esse e outros conglomerados de atividades permitem a realização do produto turístico que na sua fase final é atividade produtora de serviços. Sendo assim, os bens naturais e culturais tornam-se diretamente produtivos, participando do processo geral de expansão da economia.

Conforme SILVA (2004, p. 5), o turismo se relaciona com diversos setores da economia e representa “um conjunto de atividades produtivas, no qual os serviços têm um caráter prevalente, que interessam a todos os setores econômicos de um país ou uma região, se caracterizando por possuir, de uma interdependência estrutural com as demais atividades, em maior grau e intensidade que qualquer outra atividade produtiva.”

Sendo assim, a colocação em circulação de bens não econômicos, até então considerados livres, está na raiz do fenômeno turístico, sendo que até então tais bens eram postos à margem do sistema produtivo. A inserção de bens naturais livres no sistema econômico requer assunção de custos de transformação, representados, pela infra-estrutura que pode afetar o meio ambiente. De acordo com HAVAS, citado por SILVA (2004, p. 5), devido ao elevado grau de diversificação do produto turístico existe um grande número de restrições à consecução dos objetivos estabelecidos:

A demanda por bens e serviços turísticos limita a capacidade de obtenção de lucros e impactos sobre a comunidade; a oferta de atrações turísticas limita a quantidade de benefícios que os turistas podem obter e, portanto, também os lucros e os impactos econômicos sobre a comunidade; as restrições de ordem técnica e

ambiental envolvem situações que tratam da capacidade física de determinado centro receptivo; as restrições temporais – de um lado o tempo disponível para viajar limita as atividades que o turista pode desenvolver, e do outro lado a duração da estação turística influencia a rentabilidade dos negócios e o impacto dos gastos turísticos sobre a economia; os problemas relativos à indivisibilidade de determinados produtos e serviços.

Para avaliar o impacto do turismo na renda, faz-se necessária uma sistematização coerente e rigorosa, pois a falta de uma conceituação generalizada e aceita da atividade turística, dificulta a estimativa do valor agregado do turismo no conjunto da economia. Em função disso, o valor ou percentagem da renda que possa ser atribuída ao turismo poderá ser decomposta, segundo FIGUEROLA, citado por SILVA (2004, p. 6) em três grandes categorias:

Valor agregado ou renda de atividades ou ramos produtivos plenamente turísticos – hotelaria, restaurantes, transportes, agências de viagens, centros urbanísticos e de recreação - ponderados pelo coeficiente de consumo turístico no total da produção; valor agregado ou renda de atividades ou ramos produtivos que vendem serviços ou bens aos turistas, sem que sejam considerados setores turísticos – estabelecimentos comerciais, bancos, reparos de veículos – na parte proporcional da demanda turística; e valor agregado ou renda de setores industriais, agrários ou de serviços pela repercussão da demanda turística – conteúdo direto ou indireto – ou seja, construção, alimentação, obras de infra-estrutura. A acumulação ou agregação desses valores expressará o peso global do turismo na renda.

Objetivando a mensuração da incidência do turismo nas economias nacionais ou regionais, em 2001, foi montado um grupo de trabalho integrando vários organismos internacionais como: OMT, ONU, Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Escritório de Estatística das Comunidades Européias (EUROSTAT), com o propósito de elaborar um marco conceitual da Conta Satélite do Turismo (CST) da qual se concluiu que:

Consumo Turístico – CT, se refere a todo gasto de consumo efetuado por um visitante durante seu deslocamento e sua estada no lugar de destino, considerando os gastos de consumo que correspondem às aquisições de bens e serviços destinados a satisfazer as necessidades de um visitante, incluindo os adquiridos com a finalidade de uso como recordação e presentes; Demanda Turística – DT, se refere a um agregado mais amplo que o consumo turístico, incluindo além do consumo turístico a Formação Bruta de Capital Fixo Turístico (FBKFT) e o consumo Coletivo Turístico do Governo (CCT). O que torna um consumo turístico não é a natureza intrínseca própria do bem ou serviço consumido e sim a condição dentro da qual se encontra o consumidor, ou seja, ele é um visitante ou pretende sê-lo.

De acordo com a ONU (2001), “o ponto de partida para esta análise econômica é a consideração da atividade dos visitantes como uma atividade de consumo no sentido amplo, a qual se constitui o núcleo dos aspectos econômicos do turismo”.

3.2 O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Na análise da contribuição do turismo para o desenvolvimento econômico, um conceito surge como sendo altamente adequado: Filière, que para BLASCO (1994) significa “cadeia de indústrias integradas”, ou um “conjunto articulado de atividades econômicas integradas cuja integração resulta de articulações em termos de mercados, de tecnologia e de capitais”. Sendo que o sistema produtivo pode ser “uma série de filières que começam com os recursos primários para desembocar na satisfação de uma necessidade humana.”. De outro lado, o filière pode ser visto como “um conjunto de operações econômicas e, por outro lado, como um conjunto de organizações.”.

Sendo assim, a partir do enfoque de enlaces, se poderiam considerar ambas as representações para o turismo, que são decorrentes da nova economia de serviços – continuo de bens e serviços, que se desenvolvem com base no conceito de filière, para obter-se o modelo de desenvolvimento econômico.

O autor não se distancia da definição da ONU citada anteriormente, além disso, acaba se revelando um “enfoque de demanda”, a qual, inclusive, como o

próprio autor afirma, atua como fator definidor da natureza dos encadeamentos para trás e para frente da filière de produção turística em seus inter-relacionamentos diretos, indiretos e induzidos.

É possível valorar as contribuições do turismo para o desenvolvimento econômico a partir do Valor Agregado, do Emprego e da Formação Bruta de Capital Fixo. De acordo com a EMBRATUR (1999), a importância econômica de uma atividade é melhor avaliada quando analisada no conceito de valor agregado¹ (V.A.), que assegura a não duplicidade de contagem.

Um dos aspectos econômicos mais importantes do turismo é a geração de empregos, que nos últimos anos, tem sido o grande problema das autoridades no Brasil e no mundo. O emprego representa de fato o elemento mais essencial para o desenvolvimento social, considerando que também é fator de inclusão social e redução das desigualdades, além de atuar diretamente sobre a violência.

Trata-se de uma variável de importante significado social e econômico. Em geral, as atividades relacionadas com o Turismo são intensivas em mão-de-obra. O Sistema de Contas Nacionais (SCN-93) recomenda o uso de três indicadores de avaliação do emprego:

- a) número de postos de trabalho – definido por um contrato de trabalho, podendo ser de autônomo, em troca de uma remuneração. Difere de pessoal ocupado (um indivíduo pode estar em mais de um posto de trabalho);
- b) horas trabalhadas – horas efetivas em determinado posto de trabalho, durante um período (conceito mais preciso que o anterior);
- c) equivalente a turno completo – conversão do número de postos de trabalho em equivalentes de turno completo (ou seja, total de horas trabalhadas dividido pelo número médio de horas de turno completo). São também desejáveis as disponibilidades de outras características: sexo, idade, nacionalidade, escolaridade, salário, ocupação, tamanho do estabelecimento, entre outras.

¹ V.A. Bruto = V. Produção – V. Consumo Intermediário, V.A. Líquido = V. A. Bruto – V. Consumo do Capital Fixo (DEPRECIAÇÃO).

A questão do emprego, no caso do Turismo, apresenta uma particularidade ressaltada: a sazonalidade, no uso de mão-de-obra, em respostas às flutuações de demanda. (EMBRATUR, p.15, 1999)

A formação bruta de capital é um fator importante na análise do impacto econômico do turismo, pois aponta uma série de instalações, equipamentos e meios de transportes, entre outros, que foram gerados com o intuito de atender a demanda turística e até mesmo potencializá-la.

O indicador é importante para descrever com antecipação os resultados da oferta turística, tanto de bens/serviços específicos, como os relacionados. No caso do Turismo, que reveste-se de significado especial pela importância da infraestrutura básica no seu desenvolvimento, como Aeroportos, Rodovias, Ferrovias (em Transportes); Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (nas áreas de Hospedagem, Alimentação e Bebidas); Recreação etc. A dificuldade consiste em se “isolar” a contribuição da atividade turística na efetivação desses tipos de investimentos.

A Formação Bruta de Capital (FBC) relacionada com o Turismo pode ser classificada em quatro categorias: a) Ativos Fixos Específicos do Turismo – hotéis, ferrovias turísticas; b) Ativos Fixos não Específicos – informática em hotéis; c) Infraestrutura Pública - aeroportos, ferrovias, rodovias, sistemas de água e esgoto, etc. d) Ativos não Produzidos – terrenos, marcas, etc (EMBRATUR, p.15, 1999).

4 OS DETERMINANTES DO TURISMO: A INFLUÊNCIA DO NÍVEL DE RENDA E DA TAXA DE CÂMBIO

4.1 A EXPANSÃO DO TURISMO

Baseando-se na teoria econômica pode-se dizer que a demanda turística é a quantidade de um bem ou serviço que as pessoas estão dispostas a comprar em determinados níveis de preços. A fim de analisar a demanda turística torna-se necessário ter acesso a um conjunto de informações, que, segundo IGNARRA (2003, p. 26), são indispensáveis ao planejamento. Assim, destaca o autor, as seguintes informações:

- a) local de residência dos turistas;
- b) perfil sociodemográfico dos turistas;
- c) perfil socioeconômico;
- d) motivo das viagens;
- e) meios de transporte utilizados;
- f) meios de hospedagem utilizados;
- g) locais de compras dos produtos turísticos;
- h) hábitos de consumo no destino turístico;
- i) fatores de decisão na compra de produtos turísticos;
- j) época de consumo dos produtos turísticos;
- k) tipologia dos grupos de viagens.

De acordo com IGNARRA (2003, p. 27), “o turismo é um fenômeno da sociedade contemporânea que apresenta elevadas taxas de crescimento”. Na Tabela 4, são apresentadas evidências empíricas da demanda turística mundial.

TABELA 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL

Períodos	Varição do Crescimento no Período (%)	Taxa Anual de Crescimento (%)
1950 - 1960	174.20	10.60
1960 - 1965	139.20	9.10
1965 - 1970	46.90	8.10
1970 - 1975	34.10	6.10
1975 - 1980	28.70	5.20
1980 - 1985	14.40	2.80
1985 - 1990	40.00	7.00
1990 - 1995	23.40	4.30
1995 - 2000	23.40	4.30

Fonte: Organização Mundial do Turismo - OMT

Os dados apresentados pela OMT revelam que o turismo teve nos últimos 50 anos um crescimento expressivo, em várias situações acima do crescimento econômico, considerando todo o período da tabela acima o crescimento médio anual foi de 6,4%, alcançando em 2000 um volume internacional de 697,8 milhões de turistas. Os principais países emissores do mundo fora os que estão classificados na tabela 5.

TABELA 5 - PRINCIPAIS PAÍSES EMISSORES DE TURISTAS DO MUNDO

Países	Gastos com Viagens para o Exterior - 1995 (em US\$ milhões)	PIB (em US\$ milhões)
Alemanha	50,675	1,910,760
Estados Unidos	45,855	6,259,899
Japão	36,792	4,214,204
Reino Unido	24,737	819,038
França	16,328	1,251,689
Itália	12,419	991,386
Áustria	11,687	182,067
Federação Russa	11,599	329,432
Holanda	11,455	309,227
Canadá	10,220	477,468
Bélgica	9,215	210,576
Taiwan	8,457	425,611
Suíça	7,636	232,611
Coréia	5,903	330,831
Polônia	5,500	85,853

Fonte: Organização Mundial do Turismo - OMT

De acordo com IGNARRA (2003, p. 28), muitas são as causas do crescimento do fenômeno do turismo, a saber:

- a) o aumento da renda per capita dos países desenvolvidos;
- b) o desenvolvimento dos meios de transporte;
- c) a evolução dos meios de comunicação;
- d) os sistemas de informações dos agentes de turismo;
- e) o desenvolvimento da internet;
- f) o processo de urbanização;
- g) o processo de globalização;
- h) o crescimento do tempo livre;
- i) a automação industrial.

A demanda turística é determinada por uma série de fatores, que segundo este mesmo autor, podem ser descritos como segue: preço do produto; preço dos produtos dos concorrentes; preço dos produtos complementares; renda do consumidor; nível de investimentos em divulgação; modismo; variações climáticas; catástrofes naturais; disponibilidade de tempo livre.

A mensuração da demanda turística é um processo complexo, considerando que é formada por inúmeros segmentos, sendo que o dimensionamento do número de turistas é bastante difícil. Segundo IGNARRA (2003), “um processo de mensuração é contabilizar o número de visitantes nos portões de entrada das destinações turísticas”. Outra metodologia “é aquela que contabiliza visitantes nos meios de hospedagem”. Sendo comum “a mensuração dos fluxos de turistas por meio de fontes secundárias”..

TABELA 6 - CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL

Anos	Número de Turistas (em milhares)	Taxa de Crescimento (%)
1986	330.0	
1987	362.2	7.2
1988	394.8	9.0
1989	426.5	8.0
1990	458.2	7.4
1991	464.0	1.3
1992	503.4	8.5
1993	519.0	3.1
1994	550.5	6.1
1995	565.5	2.7
1996	596.5	5.5
1997	610.8	2.4
1998	626.7	2.6
1999	650.2	3.7
2000	697.8	7.3

Fonte: Organização Mundial do Turismo - OMT

No Brasil a demanda turística apresenta taxas de crescimento elevadas. A tabela 4 revela uma participação crescente do PIB turístico em relação ao PIB nacional, apesar do que afirma SAAB (2000, p. 291) a cerca de vários obstáculos ao crescimento do turismo no Brasil, como segue:

A carência de infra-estrutura completa de serviços turísticos (ausência de uma ampla e adequada infra-estrutura hoteleira, da inadequação dos serviços prestados por agências de viagens e operadoras de turismo e a pouca oferta de serviços complementares aos de hospedagem, principalmente no tocante a entretenimento e lazer); nível de segurança aos turistas é ainda insatisfatório (intensificação da criminalidade nos grandes centros urbanos, principalmente, e de forma ostensiva, no Rio de Janeiro e em São Paulo); carência de uma adequada infra-estrutura de transporte aos turistas (preços ainda elevados das passagens aéreas domésticas, restringindo a flexibilidade de circulação do turista em mais de uma região do país, aproveitamento insignificante dos transportes ferroviário, marítimo e fluvial e necessidade de ampliação, reforma e modernização dos aeroportos nacionais); e carência de investimentos na divulgação do país no exterior e internamente, cujo montante se deu em níveis inferiores ao mínimo recomendado pela OMT, isto é, pelo menos 2% das receitas turísticas auferidas.

Considerando um período mais longo de tempo, do que aquele já descrito anteriormente, pois o propósito não é a repetição, pode-se observar que o PIB turístico que era em 1980 de R\$ 12.907 bilhões passou em 1995, para R\$ 52.670 bilhões, demonstrando que o turismo cresceu mais do que a economia como um todo. Se comparado o PIB nacional de 1995 com o de 1980 houve um crescimento total de 33,6% no período, enquanto o PIB Turístico cresceu, no mesmo período, 308,1% ou seja, 9,2 vezes mais que a economia como um todo. De outro lado enquanto o PIB nacional cresceu em média apenas 2,2% ao ano, o PIB do turismo cresceu 20,5%.

TABELA 7 - ESTIMATIVA DO PIB TURÍSTICO E SUA PARTICIPAÇÃO NO PIB BRASILEIRO

Anos	PIB TOTAL (Em R\$ milhões, a preços contantes, base 1995)	PIB TURISTICO (Em R\$ milhões, a preços contantes, base 1995)	PIB TURÍSTICO / PIB TOTAL (%)
1980	492,628	12,907	2.6%
1987	584,206	38,685	6.6%
1988	583,574	40,431	6.9%
1989	601,890	50,972	8.5%
1990	575,995	52,419	9.1%
1991	577,890	42,938	7.4%
1992	572,838	39,610	6.9%
1993	596,837	0	0.0%
1994	631,574	48,740	7.7%
1995	658,100	52,670	8.0%

Fonte: MICT/Embratur/UFPE

Por ser o turismo um fenômeno da sociedade contemporânea, sua demanda vem crescendo significativamente nos últimos anos, demonstrando o potencial de geração de renda e emprego em todas as partes do mundo.

Sob o ponto de vista do número de turistas, no Paraná o fenômeno do turismo apresenta dados altamente relevantes, no tocante a demanda. A tabela abaixo demonstra que entre o período de 2001 a 2005, segundo a SETU (2006), o fluxo de turistas cresceu 29,6%, com uma taxa média anual de crescimento de 5,9%. Neste mesmo período a receita gerada pelo turismo cresceu 75,0%, ou seja, 15% ao ano, um crescimento altamente significativo se comparado ao desempenho da economia como um todo.

TABELA 8 – A DEMANDA TURÍSTICA NO PARANÁ

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004	2005
Fluxo Turistas	5,670,614	5,552,244	6,210,930	6,708,641	7,350,912
Estadual (%)	50.0	48.0	48.0	45.0	47.0
Interestadual (%)	34.0	35.0	36.0	38.0	39.0
Internacional (%)	16.0	17.0	16.0	17.0	14.0
Permanência Média (dias)	3.9	3.6	3.8	3.3	3.7
Gasto Médio Per Capita/Dia (US\$)	37.8	45.0	47.8	47.5	60.0
Receita Gerada (US\$ por mil)	835,961.92	899,463.47	1,124,000.29	1,067,915.40	1,462,828.40

Fonte: SETU/2006

A tabela acima demonstra ainda, que o gasto médio per capita por dia de permanência passou dos 37,8 dólares para 60,0 dólares americanos, representando um crescimento de 58,7% no período de 2001-2005.

TABELA 9 – A DEMANDA TURÍSTICA EM FOZ DO IGUAÇU

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004*	2005
Fluxo Turistas	732,725	769,387	986,090	1,188,392	1,449,838
Estadual (%)	31.9	30.2	31.5	31.2	28.6
Interestadual (%)	33.5	38.6	30.3	34.1	45.5
Internacional (%)	34.6	31.2	38.2	34.7	25.9
Permanência Média (dias)	3.8	3.7	3.0	3.5	3.6
Gasto Médio Per Capita/Dia (US\$)	59.8	47.7	77.5	61.7	68.2
Receita Gerada (US\$ por mil)	166,504.43	135,789.11	229,265.93	256,494.61	355,964.23

* média dos três anos anteriores

Fonte: SMTU/2006

Sob o ponto de vista do número de turistas e não da renda, segundo dados da SMTU (2006), o fluxo de turistas em Foz do Iguaçu, no período de 2001 a 2005, cresceu 97,8%, significando um crescimento médio anual de 19,6%. No mesmo período o número de turistas provenientes do estado do Paraná caiu 10,3%, o número de turistas interestaduais subiu 35,8% e internacionais caiu 5,3%. Por outro lado, o gasto per capita subiu 14,0%. Apesar da queda no fluxo de turistas internacionais, o turismo iguaçuense experimentou um crescimento acentuado na renda gerada pelo turismo que entre 2001 e 2005 cresceu 113,8% ou seja, uma média anual de crescimento de 22,8%, muito acima do crescimento paranaense de 5,9% por ano em média.

TABELA 10 – PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU NO TOTAL DO PARANÁ

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004*	2005
Fluxo Turistas	12.9%	13.9%	15.9%	17.7%	19.7%
Estadual (%)	-36.2%	-37.1%	-34.4%	-30.7%	-39.1%
Interestadual (%)	-1.5%	10.3%	-15.8%	-10.2%	16.7%
Internacional (%)	116.3%	83.5%	138.8%	103.9%	85.0%
Permanência Média (dias)	-2.6%	2.8%	-21.1%	6.1%	-2.7%
Gasto Médio Per Capita/Dia (US\$)	58.2%	6.0%	62.1%	29.8%	13.7%
Receita Gerada (US\$ por mil)	19.9%	15.1%	20.4%	24.0%	24.3%

* média dos três anos anteriores

Fonte: SMTU/2006

Comparando a demanda turística de Foz do Iguaçu com a do Estado do Paraná como um todo, percebe-se que cresceu a participação do município no fluxo de turistas do estado, passando em 2001 de 12,9% para 19,7% em 2005. No mesmo período, o número de turistas internacionais que no município era 116,3% superior ao do estado caiu para 85%, confirmando a redução do fluxo de turistas internacionais ao município.

Em 2005, o gasto per capita dos turistas no município de Foz do Iguaçu, ainda era 13,7% superior ao do estado. De 2001 a 2005 a participação do município na receita gerada pelo turismo passou de 19,9% para 24,3% da receita de todo o estado. Os dados acima confirmam que a renda dos turistas é realmente uma determinante da demanda, quando o gasto diário dos turistas, a cada ano, se eleva na medida em que a renda per capita dos brasileiros também aumenta, principalmente porque o turismo interestadual é que mais cresce.

4.1.1 A Oferta Turística

A Oferta Turística, segundo IGNARRA (2003, p. 50), “é constituída por um conjunto de elementos que conformam o produto turístico, os quais, isoladamente, possuem pouco valor turístico (ou nenhum) ou têm utilidade para outras atividades que não o próprio turismo”. Ainda segundo este autor, o Produto Turístico (PT) é composto por seis componentes:

- a) bens e serviços auxiliares;
- b) recursos;
- c) infra-estrutura e equipamentos;
- d) gestão;
- e) imagem da marca;
- f) preço.

Os bens e serviços necessários para atender a satisfação do consumidor são as matérias-primas do produto turístico e são compostos por: produtos alimentícios, de uso nas instalações turísticas, materiais esportivos e de limpeza, além de prestações de serviços, tais como o receptivo, acolhida e de informação. [...] Assim, compõem também esses serviços auxiliares os equipamentos comerciais e industriais, lavanderias, livrarias, cinemas, lojas de locação de veículos, guias turísticos e organizadores de eventos, além de empresas de engenharia, consultoria e seguros etc. (IGNARRA, p. 50, 2003)

A oferta turística poder ser classificada em cinco categorias, que segundo IGNARRA (2003, p. 52) podem ser descritas conforme A Tabela abaixo:

TABELA 11 – OFERTA TURÍSTICA SEGUNDO SUAS CATEGORIAS

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Recursos Naturais	ar, clima, acidentes geográficos, o terreno, a flora, a fauna, as massas de água, as praias, as belezas naturais, o abastecimento de água potável, usos sanitários e outros.
Recursos Culturais	patrimônio arquitetônico, acervos dos museus, cultura popular local, gastronomia, artesanato, folclore, eventos, hábitos, costumes, música, literatura, língua etc.
Serviços Turísticos	hospedagem, transportes turísticos, locação de veículos, embarcações, alimentação e bebidas, organização de eventos, espaços de eventos, entretenimentos, recepção de turistas etc.
Infra-Estrutura	coleta de lixo, tratamento de esgoto, distribuição de gás, coleta de águas pluviais, telefonia, energia elétrica e iluminação pública, sistema viário, mobiliário urbano, aeroportos, portos, marinas, rodoviárias, ferroviárias.
Serviços Urbanos	serviços bancários, saúde, comunicações, segurança pública, apoio automobilístico, comercios especializados, etc.

Fonte: Adaptado de Ignarra (2003)

A tabela acima demonstra que a oferta turística é tema muito complexo e que existe um grande número de setores envolvidos. Para produzir todos os

recursos acima descritos, estão envolvidos os setores primários, secundários e terciários da economia.

A oferta turística, nada mais é do que a oferta de um conjunto de bens e serviços finais prontos para serem consumidos e colocados à disposição dos turistas. Tais bens e serviços não são produzidos por um setor específico denominado de “setor turístico”, mas sim por todos os setores da economia. Logo o turismo não representa uma produção em si, mas apenas um consumo daquilo que já foi produzido pelas diversas atividades econômicas ou pela natureza. Entretanto, existem atividades produtivas especificamente ligadas ao turismo, como já descrito anteriormente.

TABELA 12 – OFERTA DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ

Locais	Período								%
	1998	1998	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Cascavel	8	8	8	9	10	16	20	28	3.4%
Curitiba	81	98	98	100	103	113	119	127	15.5%
Foz do Iguaçu	41	55	55	90	84	129	142	143	17.5%
Interior	84	97	97	132	139	198	244	441	53.9%
Litoral	13	14	14	17	17	26	39	28	3.4%
Londrina	11	17	17	18	19	32	32	32	3.9%
Maringá	8	8	8	12	12	13	15	19	2.3%
Total	246	297	297	378	384	527	611	818	100.0%

Fonte: SETU/2006

A tabela acima demonstra que a oferta dos meios de hospedagem cresceu em todo Paraná, no período de 1998 a 2005. As taxas médias anuais de crescimento neste período, nas diferentes regiões do estado, foram: em Cascavel 31%, Curitiba 7%, Foz do Iguaçu 31%, Interior 53%, Litoral 14%, Londrina 24% e Maringá 17%. Considerando o total destas localidades o crescimento médio anual no período foi de 29%. Foz do Iguaçu aparece em 2005, como primeira cidade do Paraná em número de unidades de hospedagem com 143 registros, superando Curitiba que aparece em segunda com 127 registros.

TABELA 13 – OFERTA DE UNIDADES HABITACIONAIS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ

Locais	Período								%
	1998	1998	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Cascavel	516	516	516	544	592	781	1,040	1,498	3.5%
Curitiba	5,534	6,698	6,698	7,117	7,387	7,750	8,700	9,269	21.9%
Foz do Iguaçu	4,102	5,552	5,552	7,252	7,209	8,308	8,550	8,542	20.2%
Interior	5,033	6,116	5,438	7,257	7,724	9,780	11,465	17,819	42.1%
Litoral	564	753	753	843	843	1,124	1,443	1,676	4.0%
Londrina	940	1,314	1,314	1,463	1,595	1,934	2,160	2,222	5.2%
Maringá	615	622	622	953	931	953	1,181	1,310	3.1%
Total	17,304	21,571	20,893	25,429	26,281	30,630	34,539	42,336	100.0%

Fonte: SETU/2006

Quando se analisa a oferta de unidades habitacionais observa-se que em Curitiba, apesar do número dos meios de hospedagens ser menor do que em Foz do Iguaçu, a quantidade de unidades habitacionais por meio é maior do que em Foz do Iguaçu.

Em Foz do Iguaçu a oferta turística conta com diversos Atrativos Turísticos. Segundo IGNARRA (2003, p. 53), atrativos Turísticos são um conceito complexo, que se expressam como segue:

O seu conceito é complexo, dado que a atratividade de certos elementos varia de forma acentuada de um turista para outro. [...] desta forma, os atrativos estão relacionados com as motivações de viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos. É usual que elementos que compõem o cotidiano das pessoas que residem em certa localidade não lhes chame a atenção e se mostrem extremamente atrativos para os visitantes que não participam desse cotidiano. O atrativo turístico possui, via de regra, maior valor quanto mais acentuado for o seu caráter diferencial. O turista procura sempre conhecer aquilo que é diferente de seu dia-a-dia. Assim, aquele atrativo que é único, sem outros semelhantes, possui maior valor para o turista. Este valor é subjetivo e alguns autores, visando reduzir essa subjetividade, desenvolveram algumas metodologias de hierarquizar tais atrativos.

O método de hierarquização do antigo Centro de Capacitação para o Turismo (CICATUR), da Organização dos Estados Americanos (OEA), divide os atrativos turísticos em quatro grupos (IGNARRA, p. 54, 2003):

- a) atrativos excepcionais e de grande significado para o mercado turístico internacional, capaz por si só de motivar um importante fluxo de visitantes;
- b) atrativos importantes que em conjunto com outros atrativos são capazes de atrair um fluxo de visitantes, interno e externo significativo;
- c) atrativos capazes de motivar a procura de um fluxo interno de visitantes significativo, mesmo que em longa distância;
- d) atrativos que formam parte do patrimônio turístico que complementam os demais atrativos turísticos.

Neste contexto, Foz do Iguaçu, oferta 8 atrativos naturais, 3 atrativos de aventura, 10 atrativos histórico-culturais e 11 atrativos técnicos e científicos, totalizando assim, 32 atrativos diferentes. Porém, o mais importante atrativo iguaçuense é mesmo o Parque Nacional do Iguaçu, que é único no mundo.

Segundo os dados da SMTU (2006), o município de Foz do Iguaçu, oferece também, contando todos os tipos de estabelecimentos, 19.637 leitos disponíveis para os turistas. Possui uma capacidade para atender 30.173 visitantes nos meios gastronômicos da cidade. Conta com 143 agências de viagens, 8 casas de câmbio e dispõe de 22 centros de entretenimento. Quanto ao comércio, existem cerca de 36 unidades especializadas. Os meios de transportes contam com 173 ônibus e 1.217 veículos de aluguel. A estrutura de eventos tem capacidade para 42.290 visitantes.

A seguir, são apresentadas a análise e descrição dos dados. Primeiramente, são apresentados a evolução da renda do turismo e o número de empregos gerados em cada período. Como o divisor temporal da análise é o comportamento da taxa de câmbio, inicialmente é apresentada a evolução da taxa de câmbio. Em seguida, a evolução da renda do turismo é estimada a partir dos gastos médios diários, em dólar, dos turistas e seu tempo de permanência.

4.2 A TAXA DE CÂMBIO E O SETOR TURÍSTICO: 1995-2005.

Ao observar a Figura abaixo, as seguintes considerações podem ser feitas:

FIGURA 1 - TAXA DE CÂMBIO - R\$ / US\$ - TURISMO - VENDA - MÉDIA ANUAL



Fonte: IPEA, 2006

O período do Câmbio Fixo (na verdade, flutuando numa banda muito estreita), que vai do início do plano real até 1998, a taxa de câmbio teve uma leve flutuação, às vezes, permanecendo por meses, inalterada, alcançando no final de 1998 o patamar de R\$ 1,2 = US\$ 1. Entretanto no período seguinte (1999 a 2004) registra-se uma forte depreciação cambial, ou seja, a queda do real frente ao dólar americano, com efeitos favoráveis sobre a Balança Comercial. Este é o período de retomada do equilíbrio das contas externas.

Num terceiro momento (2005-2006), há um período de apreciação cambial, ou seja, um momento de valorização do real. A taxa de câmbio experimentou sensível queda alcançando em 2006 uma fase de estabilização cambial. Apesar de

inicialmente trazer conseqüências negativas para alguns setores da economia, como o exportador, ainda assim o volume de exportações nunca esteve tão elevado.

4.3 EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO

Para fins deste estudo, a renda gerada pelo turismo é estimada a partir do número de turistas, dos gastos médios diários em dólar e do tempo médio de permanência. A análise se baseia em dados da SETU (2005). O número de empregos foi estimado a partir do número de turistas, tendo como referência o ano de 2004.

O número de turistas sofre influências de vários aspectos de caráter econômico, social, político e ambiental. Do ponto de vista econômico, o turismo é influenciado pelo desempenho das economias em termos da geração de renda e empregos, bem como pelo desenvolvimento das tecnologias, que amplia a produtividade do trabalhador.

Do ponto de vista social a distribuição da renda é fator preponderante para o turismo. Politicamente, o turismo pode ser afetado por eventos tais como o de 11 de setembro nos Estados Unidos. Do ponto de vista ambiental, o turismo pode ser afetado por catástrofes como a da Tsunami na Ásia, recentemente. Além disso, as crises econômicas internacionais e a instabilidade das moedas podem afetar significativamente o turismo.

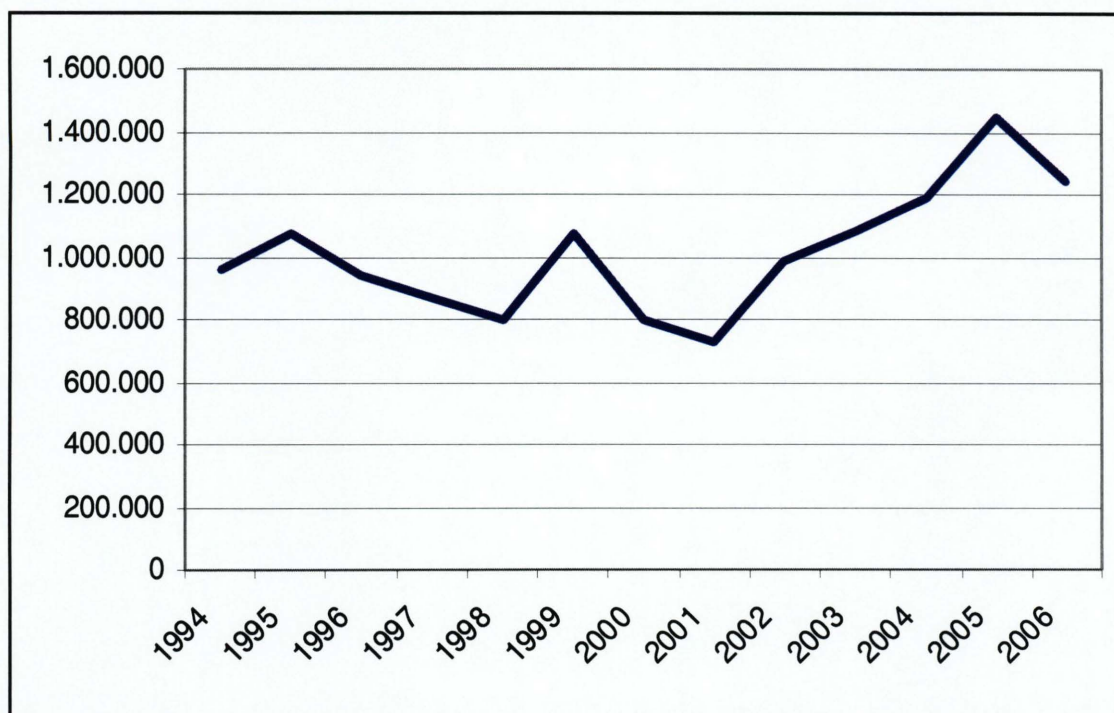
TABELA 14 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS, GASTO MÉDIO DIÁRIO E PERMANÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU

Ano	Número de Turistas	Gastos Médios Diários US\$	Permanência Em Dias
1994	963.771	75,47	3,80
1995	1.078.802	78,80	3,80
1996	940.765	74,80	3,80
1997	871.747	72,80	3,80
1998	802.728	70,80	4,00
1999	1.074.898	52,20	3,90
2000	800.102	57,10	3,90
2001	732.725	59,80	3,80
2002	986.090	56,37	3,40
2003	1.087.241	57,76	3,00
2004	1.188.392	57,98	3,30
2005	1.449.838	68,20	3,60
2006	1.241.824	61,31	3,30

Fonte: SETU -2005 (em 1994, 1996, 1997 e 2006 os dados foram estimados usando média móvel 3)

A tabela acima demonstra que durante o período do Cambio Fixo (1994-1998) havia uma oscilação marcada no número de turistas. Entretanto, os gastos diários médios por turistas eram mais elevados alcançando a cifra de US\$ 78,80. Além disso, o tempo de permanência era maior do que o atual em 3,8 dias em média. Este aspecto proporcionava uma maior produtividade do setor, ou seja, com o mesmo numero de trabalhadores se alcançava uma renda maior, conforme é demonstrado posteriormente, nesta seção.

No período seguinte, o da depreciação cambial (1999-2004), coincide com as crises econômicas internacionais da Rússia e da Argentina, que acabaram criando uma instabilidade mundial, afetando o número de turistas no município e reduzindo os seus volumes de gastos médios, que atingiram em 1999 o seu patamar mais baixo, de US\$ 52,20, embora o tempo de permanência ainda seja estável. A partir de 2005, a moeda brasileira começa a dar sinais de recuperação e se valoriza de forma consistente entre 2005 e 2006. Apesar disso, o setor turístico iguaçuense apresenta sinais de recuperação, pois o número de turistas cresce significativamente, além de uma sensível ampliação dos gastos diários dos turistas, que em 2005 alcança US\$ 68,2. Isso ocorreu mesmo com uma pequena redução do tempo de permanência no município.

FIGURA 2 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS EM FOZ DO IGUAÇU 1994-2006

Fonte: SETU, 2005

A tabela a seguir demonstra que o número de turistas internos é aproximadamente 2 vezes maior do que o de turistas externos. Os maiores pólos emissores de turistas internos para Foz do Iguaçu são o próprio Paraná com cerca de 28,6%, seguido de São Paulo com 15,1%. A estimativa de turistas brasileiros que procuram o município é de 70% do número total de turistas. Em muitos períodos o volume de gastos diários destes turistas é bem menor do que o do turista externo. Porém, no período das crises econômicas internacionais o gasto de ambos se aproxima.

TABELA 15 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS INTERNOS E EXTERNOS

Ano	Número de Turistas Internos	Gastos Médios Diários US\$	Número de Turistas Externos	Gastos Médios Diários US\$
1994	665.002	75,80	298.769	86,50
1995	744.373	75,80	334.429	86,50
1996	649.128	75,80	291.637	86,50
1997	601.505	75,80	270.242	86,50
1998	553.882	69,50	248.846	73,30
1999	698.684	45,30	376.214	76,20
2000	520.066	53,20	280.036	64,70
2001	476.271	56,60	256.454	65,70
2002	640.959	56,60	345.131	65,70
2003	706.707	62,00	380.534	105,30
2004	772.455	62,00	415.937	105,30
2005	1.072.880	66,00	376.958	74,90
2006	918.950	66,00	322.874	74,90

Fonte: Estimativa com base nos dados fornecidos pela SETU -2005

A tabela apresenta dados estimados a partir do número de turistas e dos gastos médios diários.

TABELA 16 – EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO NO PERÍODO

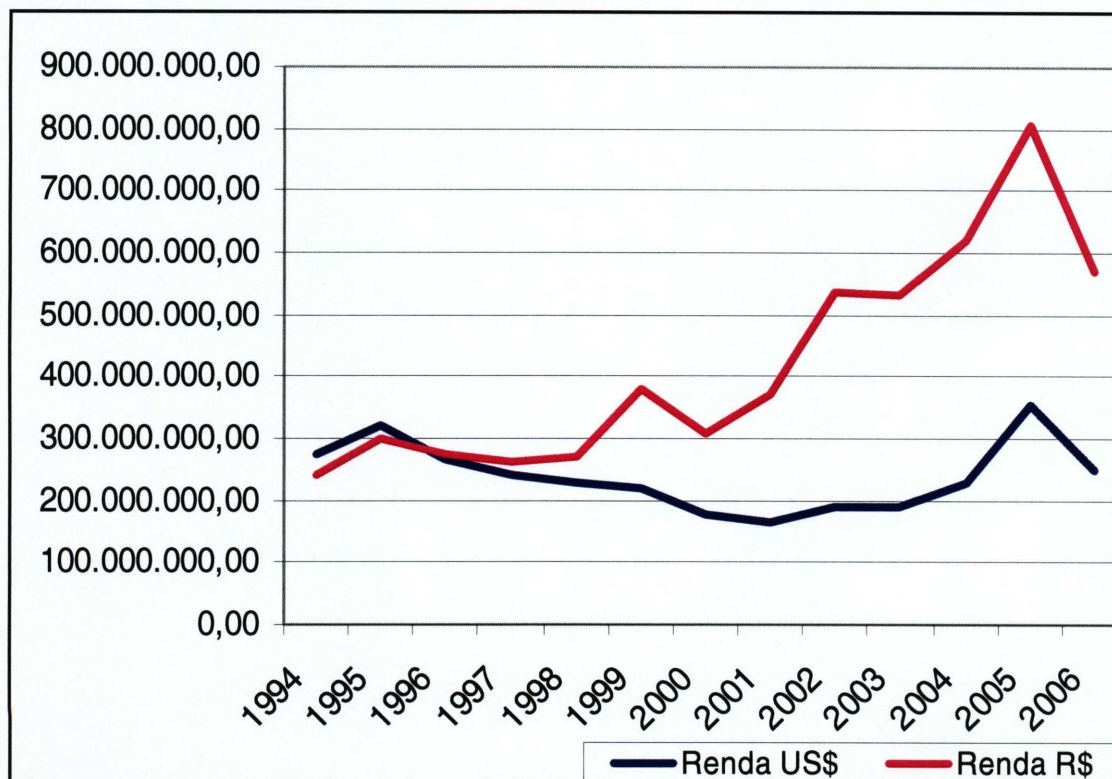
Ano	Renda US\$	Renda R\$	Emprego
1994	276.396.030,01	240.464.546,11	7.575
1995	323.036.470,88	300.423.917,92	8.479
1996	267.403.043,60	272.751.104,47	7.394
1997	241.160.090,08	262.864.498,19	6.851
1998	227.332.569,60	270.525.757,82	6.309
1999	218.827.734,84	378.571.981,27	8.448
2000	178.174.714,38	308.242.255,88	6.288
2001	166.504.429,00	372.969.920,96	5.759
2002	188.992.037,22	534.847.465,33	7.750
2003	188.397.120,48	531.279.879,75	8.545
2004	227.379.794,93	623.020.638,11	9.340
2005	355.964.225,76	808.038.792,48	11.395
2006	251.249.557,15	570.336.494,73	9.760

Fonte: SETU -2005 (empregos estimativa com base no número de turistas ano de referência 2004)

A tabela acima revela que o volume de renda gerada na atividade turística, no município de Foz do Iguaçu, é bastante significativo. Observa-se que com base

no critério de estimação, cerca de 30% é gerada através dos turistas externos (internacionais) e 70% pelos turistas internos (nacionais).

FIGURA 3 – EVOLUÇÃO DA RENDA GERADA PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

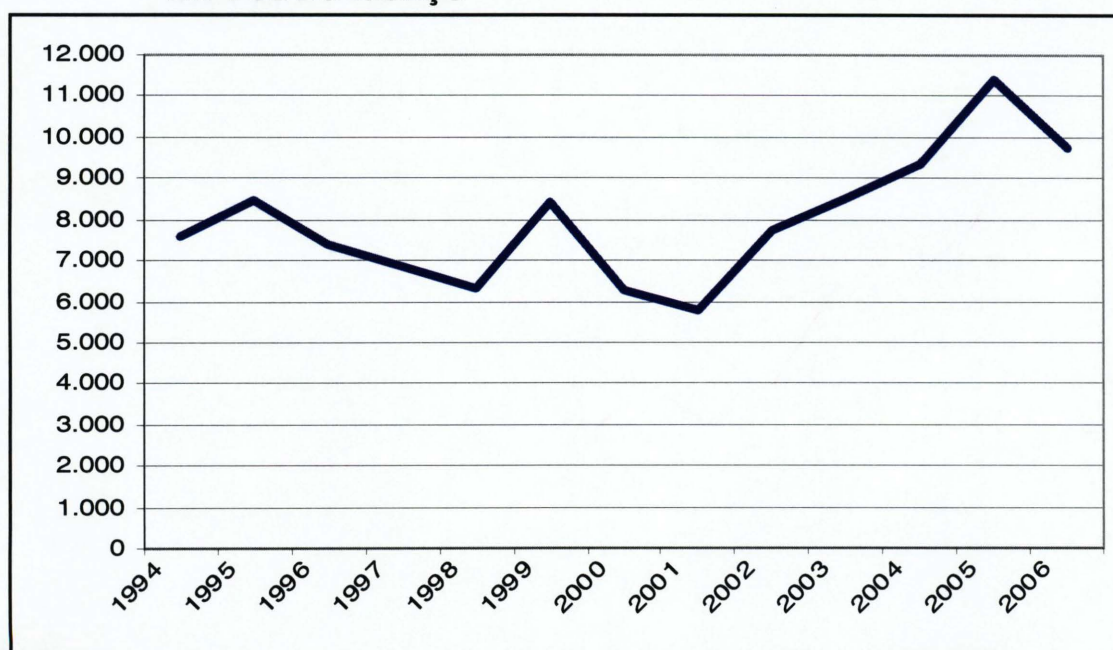


Fonte: estimativa a partir dos dados fornecidos pelo SETU -2005

Cabe ressaltar que a conversão de moedas para real foi feita com base na taxa de câmbio anteriormente apresentada. Verifica-se que durante o período do Câmbio Fixo, os valores em dólar e real são praticamente iguais, pois um real equivalia a aproximadamente um dólar. A partir do período da depreciação cambial, iniciado em 1999, quando o real começa a ser desvalorizado, há um afastamento crescente entre as duas rendas (deve-se lembrar que o valor do dólar chegou a ser de 3 Reais). A partir de 2004, quando se reinicia a recuperação (valorização) do real, as duas rendas evoluem na mesma direção. Mas a renda em Reais alcança patamares muito superiores aos de 1995. Durante o período de 1995 a 2005 houve uma trajetória de queda da renda em dólar, que perdurou até quase o final do período, havendo uma leve recuperação em 2005. A partir de 2000 registra-se uma significativa recuperação da economia mundial, apesar de que no Brasil o

crescimento econômico não tenha sido compatível com o seu potencial. Essa melhora na renda mundial poderia ajudar a explicar a recuperação da renda em dólares no final do período analisado.

FIGURA 4 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU



Fonte: estimativa com base nos dados fornecidos pela SETU, 2005.

Como se pode observar na figura 4, a evolução do número de empregos acompanha a do número de turistas. A tabela a seguir demonstra uma estimativa apartir dos dados básicos fornecidos pela SETU em 2005, sobre a renda gerada por cada trabalhador, e por turista, além de apresentar o número de turistas por trabalhador. Os dados revelam que cada trabalhador gera em média R\$ 51.626,72, por ano no setor do turismo de Foz do Iguaçu o que significa 4,1 vezes mais do que a média geral da economia local, considerando um PIB per capita em 2003 de R\$ 12.616,00, segundo o IBGE. Esse dado indica que a qualificação dos profissionais da área é alta e que são capazes de gerar um o alto valor adicionado. Isso claramente confirma o potencial do setor turístico na geração de renda e de empregos de qualidade.

TABELA 17 – PRODUTIVIDADE MÉDIA DOS TRABALHADORES DO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

Ano	Por Trabalhador		Por Turista		Número de Turistas Por Trabalhador
	Renda US\$	Renda R\$	Renda US\$	Renda R\$	
1994	36.487,92	31.744,49	286,79	249,50	103
1995	38.098,42	35.431,53	299,44	278,48	116
1996	36.164,87	36.888,17	284,24	289,92	101
1997	35.200,71	38.368,78	276,64	301,54	93
1998	36.033,06	42.879,34	283,20	337,01	86
1999	25.902,90	44.812,02	203,58	352,19	115
2000	28.335,67	49.020,71	222,69	385,25	86
2001	28.912,04	64.762,97	227,24	509,02	78
2002	24.386,07	69.012,58	191,66	542,39	106
2003	22.047,64	62.174,36	173,28	488,65	116
2004	24.344,73	66.704,57	191,33	524,26	127
2005	31.238,63	70.911,70	245,52	557,33	155
2006	25.742,78	58.436,12	202,32	459,27	133

Fonte: Estimativa feita com base nos dados da SETU - 2005

Com a finalidade de analisar a contribuição do turismo para a economia iguaçuense, a seguir apresentam-se dados relativos à importância da renda do turismo no PIB municipal, com base nos dados fornecidos pelo IBGE. Ressalta-se que pela limitação dos dados disponíveis só foi possível analisar dois anos recentes, a saber, 2002 e 2003. No entanto, tendo em vista as trajetórias anteriormente apresentadas da renda, observa-se que a tabela abaixo oferece uma boa visão do significado do turismo para o município estudado.

TABELA 18 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU

Valor Adicionado e Renda	2002		2003	
	Valor em R\$	Imprtância Relativa ao PIB	Valor em R\$	Imprtância Relativa ao PIB
PIB de Foz do Iguaçú	3.748.625.000	100,0%	3.527.683.903	100,0%
Valor Adicionado na Agropecuária	18.371.000	0,5%	25.697.779	0,7%
Valor Adicionado na Indústria	2.732.825.000	72,9%	2.680.017.235	76,0%
Valor Adicionado nos Serviços	770.435.000	20,6%	821.968.891	23,3%
Dummy	39.773.000	1,1%	37.428.810	1,1%
Impostos	266.768.000	7,1%	289.095.668	8,2%
Renda Gerada Pelo Turismo	534.847.465	14,3%	531.279.880	15,1%
Turismo Nacional	347.651.124	9,3%	345.332.093	9,8%
Turismo Internacional	187.196.342	5,0%	185.947.787	5,3%
Número de Habitantes	272.939		279.620	
PIB por Habitante	13.734,30	0,0%	12.615,99	0,0%
Impostos por Habitante	977,39	0,0%	1.033,89	0,0%
Renda do Turismo por Habitante	1.959,59	0,0%	1.900,01	0,0%

Fonte: IBGE/SETU/SMTU

Considerando os dados acima, estimados pela autora a partir dos dados oficiais fornecidos pelo IBGE, SETU, SMTU para o período de 2003, é possível verificar que 15,1% da economia municipal é representada pelo turismo. Essa atividade também gera quase um terço dos empregos formais existentes no município. Outro aspecto importante é que apesar do PIB municipal ter caído no período, a renda do turismo manteve sua participação relativa crescente. O turismo, por tanto, parece desempenhar um papel anticíclico, já que se sustenta ainda num contexto regional menos favorável.

TABELA 19 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS

DESCRIÇÃO	2000	2006	%
População Total	258.543	309.113	100,0%
População Economicamente Ativa	128.150	153.216	49,6%
População Ocupada	106.619	127.473	41,2%
População Ocupada Formalmente	41.213	49.274	15,9%
População Ocupada no Turismo*	6.288	9.760	19,8%

FONTE: IBGE - Censo Demográfico - Resultados da amostra

* estimativa segundo dados da SETU 2005, comparada com a população ocupada formalmente.

A tabela acima apresenta a participação relativa das diferentes categorias de população em relação à população total em 2006, estimada pelo IBGE. Também é apresentada a participação relativa da população ocupada no turismo do município, comparada com o total de empregos formais registrados. O Turismo local contribui com 19,8% da geração de empregos formais. É importante ressaltar que a grande maioria dos trabalhadores do turismo, se não todos, atuam formalmente no município.

TABELA 20 – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS POR ATIVIDADES

Atividades	Empregos	%
Hotéis	3,130	33.51%
Pousadas	19	0.20%
Motéis	169	1.81%
Albergues	35	0.37%
Agências de Viagens	656	7.02%
Gastronomia	2,896	31.01%
Empresas de Eventos	316	3.38%
Companhias Aéreas	80	0.86%
Atrativos Turísticos	461	4.94%
Entretenimentos	295	3.16%
Paraná Turismo	8	0.09%
Itaipu Binacional	76	0.81%
Taxistas (Per./Colab.)	672	7.19%
Guias de Turismo	46	0.49%
Secretaria do Turismo	481	5.15%
Total	9,340	100.00%

Fonte: SMTU/2004

A tabela acima revela a configuração ou distribuição dos trabalhadores do turismo segundo as atividades econômicas. Pode-se comprovar que o maior número de pessoas ocupadas no turismo se encontra na hotelaria, e em seguida na gastronomia.

Assim, o turismo contribui significativamente para a economia do município, na geração de emprego, renda e impostos. Com efeito, ele tem grande participação na geração de renda do município (15,1%,) e na geração de emprego formal (19,8%). Além disso, o turismo de Foz é de grande importância para o desempenho das diversas atividades econômicas, pois em sua grande parte trata-se de turismo de negócios (15,7% em 2005). Finalmente, o turismo é componente de demanda de diversas outras atividades, principalmente do setor de serviços e transportes.

4.4 OS EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE O TURISMO LOCAL

Neste ponto é feita uma avaliação dos efeitos da taxa de câmbio sobre a geração da renda no segmento do turismo local no período. Uma análise de correlação contribui para visualizar melhor o grau de associação entre as duas variáveis.

A tabela abaixo revela que a taxa de câmbio influencia positivamente a renda do turismo, mesmo aquela gerada a partir dos turistas internos (nacionais), pois a correlação é alta e significativa (71%) entre as duas variáveis. Assim, quando aumenta a taxa de câmbio, aumenta a renda gerada pelo turismo interno. Este fenômeno poderia ser explicado pelo fato de que alguns dos preços dos serviços ofertados aos turistas são fixados em moeda estrangeira (dólar americano), razão pela qual os termos de intercâmbio do setor melhoram. Na medida em que a desvalorização do real favorece a exportação e o nível de emprego, também favorece a demanda de turismo via renda. Finalmente, a desvalorização implica que fica mais caro viajar para o exterior, o que estimula o turismo interno.

TABELA 21 – A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO E RENDA DO TURISMO

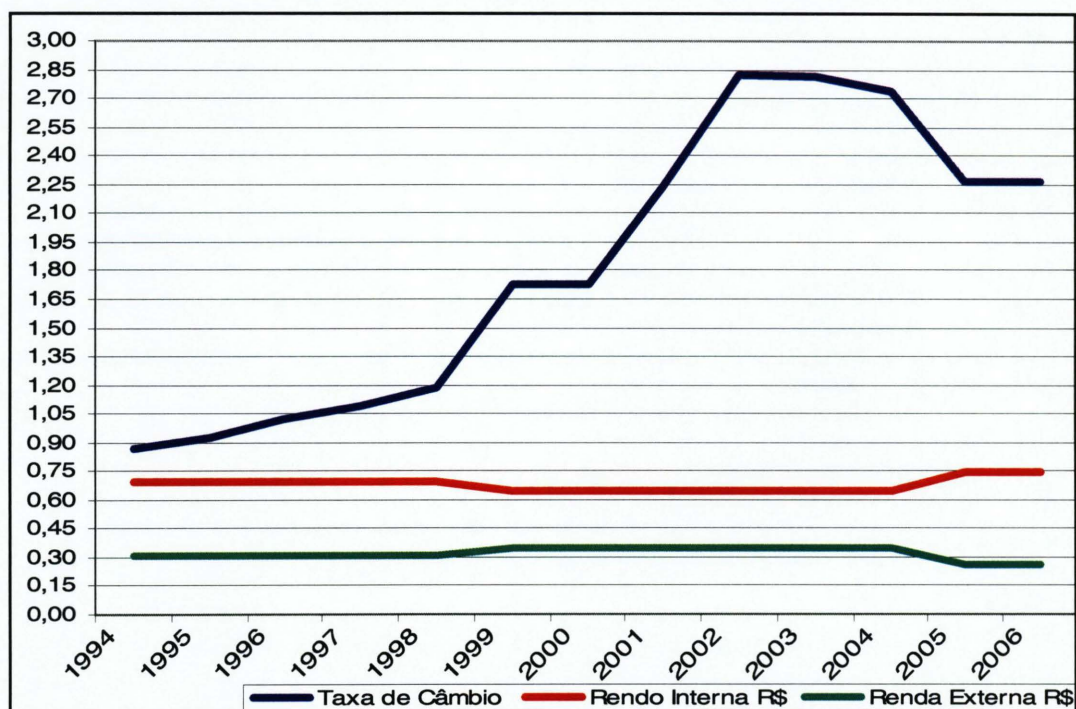
Ano	Taxa de Câmbio	Renda Total R\$	Renda Interna R\$	Renda Externa R\$
1994	0,87	240.464.546	165.920.539,24	74.544.006,76
1995	0,93	300.423.918	207.292.397,60	93.131.520,40
1996	1,02	272.751.104	188.198.305,25	84.552.798,75
1997	1,09	262.864.498	181.376.373,96	81.488.124,04
1998	1,19	270.525.758	186.662.665,18	83.863.092,82
1999	1,73	378.571.981	246.071.893,31	132.500.087,69
2000	1,73	308.242.256	200.357.350,82	107.884.905,18
2001	2,24	372.969.921	242.430.321,40	130.539.599,60
2002	2,83	534.847.465	347.651.123,45	187.196.341,55
2003	2,82	531.279.880	345.332.093,03	185.947.786,97
2004	2,74	623.020.638	404.963.519,55	218.057.118,45
2005	2,27	808.038.792	597.948.639,20	210.090.152,80
2006	2,27	570.336.495	422.049.116,53	148.287.378,47
Correlação		79%	71%	92%

Fonte: estimativa a partir dos dados da SETU, 2005.

Analisando a renda do turismo como um todo, verifica-se que a correlação da mesma com a taxa de câmbio é de 79%. Porém a relação mais significativa, como já era de se esperar, é entre a taxa de câmbio e turismo externo (internacional), pois na análise se observou uma correlação com renda da entrada de turistas estrangeiros de 92%. Fica assim claro o forte impacto da taxa de câmbio sobre a atração de turistas do exterior.

A taxa de cambio é um elemento importante na análise da renda gerada pelo turismo, pois o turismo é em sua grande parte internacional. O propósito de se adotar o dólar americano como referência é pelo fato de que se trata da moeda mais comumente utilizada pelos turistas que freqüentam o município.

FIGURA 5 – EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE A RENDA DO TURISMO



Fonte: IPEA/2006

A figura acima apresenta a taxa de câmbio, a proporção da renda interna do turismo na renda total e a proporção da renda externa na renda total. Esta análise revela um fato importante. Na medida em que a taxa de câmbio aumenta, a participação da renda do turismo proveniente de turistas internos diminui, enquanto que a proporção da renda proveniente dos turistas externos aumenta. Isso sugere que a resposta dos turistas estrangeiros ao incentivo do câmbio supera a resposta dos nacionais. Se bem que estes últimos provavelmente vão preferir viajar dentro do país a viajar ao exterior, ao mesmo tempo têm uma perda de renda que desestimula o turismo.

TABELA 22 – A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO, EMPREGO E GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS

Ano	Taxa de Câmbio	Emprego	Gastos Médios Diários US\$
1994	0,87	7.575	75,47
1995	0,93	8.479	78,80
1996	1,02	7.394	74,80
1997	1,09	6.851	72,80
1998	1,19	6.309	70,80
1999	1,73	8.448	52,20
2000	1,73	6.288	57,10
2001	2,24	5.759	59,80
2002	2,83	7.750	56,37
2003	2,82	8.545	57,76
2004	2,74	9.340	57,98
2005	2,27	11.395	68,20
2006	2,27	9.760	61,31
Correlação		38,0%	-78,3%

Fonte: IPEA/SETU

Na tabela acima se observa que a correlação entre o número de empregos e a taxa de câmbio não é muito elevada, embora seja positiva. A explicação é que os profissionais do turismo são altamente qualificados e essas qualificações têm valor para a empresa, a qual prefere mantê-los nos seus quadros na baixa do ciclo.

A correlação entre taxa de câmbio e gastos diários médios dos turistas é relativamente elevada. O coeficiente é negativo, ou seja, quando a taxa de câmbio se eleva a tendência é que os turistas gastem menos, pois com menos dólares é possível adquirir aqui no Brasil mais bens e serviços do que antes do aumento da taxa de câmbio, sendo o contrário verdadeiro. Porém é possível observar que esse efeito negativo da taxa de câmbio sobre os gastos médios diários dos turistas é mais do que compensado pelo maior número de turistas. O resultado final é um saldo muito positivo.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho era analisar a contribuição do segmento do turismo para a economia de Foz do Iguaçu e os efeitos da taxa de câmbio sobre o seu comportamento. A análise dos dados mostrou que o Turismo é um dos principais segmentos da economia local, contribuindo com 15.1% do PIB, gerando uma renda superior a meio bilhão de reais por ano. Além disso, aproximadamente 20% dos empregos formais do município são gerados pelo turismo.

O turismo é um fenômeno da sociedade moderna que se caracteriza por uma demanda de uma gama muito grande de serviços. Por isso, ele emprega pessoas e gera renda em diversos ramos de atividades. O turismo é uma alternativa para amenizar as desigualdades sociais e regionais, pela sua capacidade de gerar empregos de qualidade. Porém o turismo exige do município investimentos constantes na divulgação e oferta de serviços públicos, principalmente de segurança, por se tratar de uma região de fronteira.

As maiores reclamações dos turistas estão relacionadas com os meios de transporte, comunicação e segurança pública. Justamente pelo fato do turismo representar uma demanda das diversas atividades econômicas do município, ele envolve uma grande parcela da população, mesmo que não atue diretamente em atividades específicas demandadas pelo turismo. A população de uma cidade turística convive diariamente com os visitantes, mantendo relações que muitas vezes não são econômicas, mas culturais, religiosas e sociais. Por isso o desenvolvimento do turismo envolve a comunidade local como um todo, exigindo habilidades e competências de diversas magnitudes, desde falar outras línguas até estar informado sobre os atrativos turísticos e a infra-estrutura turística existente.

Um aspecto importante é a imagem da cidade perante os turistas internacionais e locais, principalmente no que diz respeito à violência, que tem afetado significativamente a procura por destinos turísticos. Nos últimos tempos Foz do Iguaçu tem aparecido na grande mídia como sendo uma das cidades mais violentas do país. Isso afetou a geração de renda no turismo, pois reduziu o número de turistas. Observando a evolução da renda gerada pelo turismo, verificou-se que no momento das crises internacionais como a da Rússia e da Argentina, o fluxo de

turistas caiu sensivelmente. Isso por que a demanda turística depende da estabilidade econômica mundial e local.

Do ponto de vista econômico o turismo contribui significativamente para a economia do município, gerando emprego, renda e impostos. Entretanto o que se observa é que pela estrutura turística disponível e pelos meios ofertados para atender aos turistas, a renda do turismo poderia ser muito maior do que a historicamente observada.

O trabalho procurou avaliar os efeitos da taxa de câmbio sobre a geração da renda no segmento do turismo local no período. Neste sentido a análise empreendida expôs várias relações importantes. Existe uma relação positiva clara entre taxa de câmbio e renda gerada pelo turismo. Ao analisar-se a trajetória da renda e da taxa de câmbio, observa-se que nos três períodos da política cambial – Câmbio Fixo, Depreciação Cambial e Apreciação Cambial - a renda gerada pelo turismo se comporta seguindo praticamente a mesma trajetória da taxa de câmbio. Foi possível observar que não só a renda gerada a partir da demanda dos turistas externos (internacionais) é afetada pela taxa de câmbio, mas também a própria renda gerada pelos turistas internos (nacionais). Os dados indicam uma alta correlação entre câmbio e renda de turismo interno. A renda externa mostrou uma correlação ainda maior, indicando que o turista internacional é mais sensível às flutuações de câmbio do que o nacional.

Outro aspecto importante dessa relação taxa de câmbio-renda é o volume médio de gastos dos turistas em moeda estrangeira. Foi observado que quanto maior a taxa de câmbio, menor é o gasto médio diário dos turistas internacionais, pois aumenta o poder aquisitivo de sua moeda de origem em relação ao real. Conclui-se, também, que apesar disso, os turistas não aumentam seu tempo de permanência, o que reduz o benefício da depreciação cambial para o turismo local. Em contrapartida, há um aumento do número de turistas que compensa o efeito anterior.

Outra conclusão é que quando a taxa de câmbio aumenta, diminui a proporção da renda interna na renda total e se amplia à proporção da renda externa. Isso revela que a redução dos gastos diários dos turistas em moeda estrangeira é inferior aos ganhos do aumento do número de turistas, embora exista um grande

potencial não explorado, que representa um custo de oportunidade para o turismo local.

Recomenda-se para trabalhos futuros que seja feita uma pesquisa de campo visando verificar de forma mais apurada as relações do turismo com aspectos sociais, políticos, culturais e ambientais. Além disso, recomenda-se indagar sobre a eficiência das políticas públicas locais na promoção do turismo. A taxa de câmbio é uma variável importante, mas que não está sob controle dos governos municipais. No entanto, existem outras áreas, em particular infra-estrutura e segurança, que são chaves para o turismo e que podem ser afetadas por políticas locais.

REFERÊNCIAS

BLASCO, E. F. **Análisis Económico y Turismo**. Buenos Aires, 2001.

CASIMIRO FILHO, F. **A Contribuição do Turismo para a Economia Brasileira**. Piracicaba, 2002. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) Universidade Piracicaba – SP.

EMBRATUR, **Anuário Estatístico Embratur**. Brasília, 2006. Volume 33.

ESCALONA, M. F. **Es Diferente el Turismo?** Em: *Contribuciones a la Economía*, Madrid, 2004.

FOZ DO IGUAÇU. Secretaria Municipal do Turismo (SMTU). **Estatísticas: Síntese – 2005**. Foz do Iguaçu, Junho de 2006.

HAVAS, F. **Planejamento para o Desenvolvimento do Turismo**. Rio de Janeiro: Embratur, 1981.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Thompson, 2003.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo Teoria e Prática**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ONU et. al. **Cuenta Satélite de Turismo**: Recomendaciones sobre el marco conceptual. Nueva York: ONU, 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo (SETU). **Estatísticas do Turismo**. Curitiba, 2006.

SAAB, W. G. L. **Considerações Sobre o Desenvolvimento do Setor de Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro, **BNDES Setorial**, n. 10, p. 285-312, set./ 1999

SALTO, G. M. **El Impacto del Turismo Sobre el Desarrollo Económico**: el caso de Argentina. Madrid, 1998. Tesis em Economía del Turismo. Universidade de Complutense de Madrid.

SESSA, A. **Turismo e Política de Desenvolvimento**. Porto Alegre: Uniontur, 1983.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis, 2000.

SILVA, J. A. S. **O Turismo: Uma Atividade Econômica? Contribuciones a la Economía**. São Paulo: USP, 2004.